

aos pagãos. Jesus quer mostrar a sua missão universal, «provisoriamente limitada à actividade na Galileia».

O contexto de S. Mateus tende a aprofundar o conhecimento deste homem cuja vida passada se conta; é o salvador dos pecadores, o médico dos doentes, o Filho do homem, o Filho de Deus, em pessoa. A catequese vai seguindo e colocando o homem, crente ou não crente, perante o mistério da pessoa de Jesus.

A narração deste milagre da tempestade amainada tem a sua lição própria: exorta os discipulos a confiarem em Jesus e em Deus; a entrar com Jesus no «navio da Igreja» onde Ele manda passar para o outro lado do mar, para o território dos pagãos. Isto pode significar o oferecimento ao assalto do poder das trevas, aceitando o risco das perseguições e da morte, mas, com Jesus, a Igreja, chegará à terra firme pois nada há a temer, quando se está com Aquele que venceu o mundo.

J. Arieiro

## Teologia Moral e Espiritual

La espiritualidade de los laicos, por JUAN BAUTISTA TORELLO, em *Nuestro Tiempo* 127 (Janeiro de 1965) 3-19 <sup>1</sup>.

É sabido por todos que, historicamente, o principal obstáculo contra a formação de uma espiritualidade laical foi precisamente o facto de que os religiosos — e antes, os monges — quiseram «adaptar» aos leigos a sua própria espiritualidade.

Realmente, e até ao nosso tempo, os que se decidiam elevar-se acima da mediocridade, empreendiam, na maioria dos casos e debaixo do impulso das ordens ou congregações religiosas que os dirigiam, uma série de devoções e de obras de caridade — sacramentos, oração, leitura espiritual, retiros, beneficência, etc. — que deviam ser introduzidos no seu já sobrecarregado dia de trabalho. A santidade era assim, na maioria dos casos, para o leigo, um angustioso problema de tempo: tempo que tinha de tirar à profissão e à família. Ou antes, a santidade identificava-se com uma espécie de afã de dispor de uns momentos de recolhimento à margem dos seus afazeres mundanos, e estes seriam assim momentos de evasão ou, ao menos, de ruptura com o seu mundo.

Por outras palavras, estes leigos procuravam conseguir «dentro das suas limitadas possibilidades» o que o religioso fazia na sua «vida de perfeição evangélica». Esta espiritualidade religiosa «trasladada» ou «adaptada» supunha um conceito de santidade laical como alguma coisa radicalmente menor em relação à maior, a dos religiosos.

Esta mentalidade, além disso, deslizava espontaneamente para uma espécie de vontade de coleccionar actos religiosos, virtuosos ou caritativos, que facilmente cansavam e obcecavam, mantendo-se a ideia de que a união com Deus se tinha de fazer virando as costas às tarefas quotidianas, isto é, deixando de ser espiritualidade e mentalidade laicais. Assim, essas tarefas mundanas — profissão,

<sup>1</sup> A tradução portuguesa deste artigo apareceu em *Rumo*, 104 (Outubro de 1965) 260-272.

família, sociedade, cultura — eram abandonadas, no que tinham de mundano, à mais desoladora profanidade. O secular «devoto» via assim, frequentemente, o seu trabalho como um estorvo para a sua santificação, o seu dever de estado como uma cruz senão mesmo como um obstáculo para a sua união com Deus e para o seu serviço ao próximo (muitas vezes só dominicais), e criava-lhe uma espécie de ressentimento em face das condições óptimas mas sempre longínquas: as dos religiosos.

## 1 — «Porque tudo é bom»

A autêntica espiritualidade laical liga a pessoa a Deus, não através do desapego ou do desinteresse para com as coisas do mundo, mas precisamente através dessas coisas: desse trabalho profissional, dessas dores, desses filhos, etc. — assumidos com plena liberdade e responsabilidade pessoais, regista-se mais uma vez — através de tudo isso o leigo busca aderir à santa vontade de Deus e ao seu plano de Redenção.

Pronuncia o seu «fiat» quando «não lhe cabe o coração no planeta, e tem que se amoldar... a um trabalho oficial minúsculo», e subindo os «escalões» da identificação com a vontade de Deus — «Resignar-se com a vontade de Deus: Conformar-se com a vontade de Deus: Querer a vontade de Deus: Amar a vontade de Deus», provará que «é mais missionário obedecendo» no seu trabalho profissional do que indo às terras dos pagãos, e desta maneira chegará a sentir «o braço cansado depois de administrar o baptismo a tantos. Enraizando-se plenamente na sua condição laical pertencerá a «uma estirpe sacerdotal». Ser-lhe-á próprio não só ser contemplativo na acção — uma Marta com o espírito de Maria — mas ainda a sua acção se converterá em oração: «Persevera no cumprimento exacto das tuas obrigações de agora. Este trabalho humilde, monótono, pequeno é a oração cristalizada em obras». A filiação divina vivida em todas as circunstâncias fá-lo adquirir um modo de estar-no-mundo essencialmente amoroso: ama o mundo e isso nele é tão essencial como o próprio facto de viver no mundo, que é inseparável dele mesmo. Desta maneira não só evitará a antiga ataraxia e a moderna «santa indiferença», mas ainda se exercitará e se manterá na aventura terrena com toda a sua inteligência e coração. Por fim, uá graças por tudo, porque tudo é bom.

## 2 — O Apostolado da amizade

Em união com Aquele que é «Perfeito Homem», o leigo deseja viver antes de mais nada os valores naturais, as virtudes naturais — cultivar só as sobrenaturais seria para ele «adornar-se com esplêndidas jóias sobre os trajes menores» — as pequenas coisas de cada dia que merecem toda a sua atenção, toda a sua delicadeza. A elas se entrega com aquele amor, pelas «últimas pedras» que, mais do que fugir de inaugurações solenes e entusiasmos iniciais, significa um imenso apreço pelo valor das realizações humanas.

Participa com o coração nas vicissitudes cheias de sofrimento da humanidade «chora com quem chora, ri com quem ri, e faz-se «tudo para todos», «para salvar a todos. Por isso não conhecerá a evangelização feita de cima», ao contrá-

rio, fugindo «das obras de caridade» puramente exteriores, que não são caridade, queimarão «como uma tocha, escondido, pegando o fogo a tudo o que faça», unido indissolúvelmente ao amigo que está a seu lado no caminho de uma amizade humana que, se a vive um filho de Deus, é a mesma caridade de Cristo. O seu apostolado é o da «amizade e confiança», nunca uma actividade esporádica ou «oficial».

Sabe que é outro Cristo, o mesmo Cristo, redentor do mundo tanto na oficina de Nazaré como no Cenáculo ou no Gólgota; por isso qualquer sorte lhe será aceitável, qualquer trabalho será para ele ocasião e meio para a sua união com Deus e para serviço ao próximo, reconduzindo tudo, desde o princípio até ao fim, na desejada «recapitulação em Cristo Jesus».

A sua fadiga diante do microscópio converte-se em Cruz redentora, e «uma hora de estudo ... é uma hora de oração». Não lhes peçam atitudes de carácter sobrenatural — «Não necessito de milagres: sobram-me os que há na Escritura. Em troca, faz-me falta o teu cumprimento do dever, a tua fidelidade à graça — porque a «santidade grande está em cumprir os deveres pequenos de cada instante».

### 3 — Importantíssimo o prestígio profissional

Só quem adopta esta atitude «incendiará todos os caminhos da Terra», viverá numa realidade na qual nada será radicalmente profano e assim se resolverá a necessidade de conseguir esses momentos de retiro absolutamente necessários para se alimentar da vida divina — oração, sacramentos — e de edificar um comportamento moral exemplar e fecundo. Porque — e isto está dito em todos os tons e com todos os recursos estilísticos na magnífica linguagem de «Caminho» — os meios apostólicos são sobrenaturais: «Primeiro, oração, depois, expiação; em terceiro lugar, muito em terceiro lugar, acção». Certamente, entre os leigos, cada um deve fazer render ao máximo os talentos recebidos, e por isso, «ao que pode ser sábio não lhe perdoamos que o não seja», e «o estudo, a formação profissional, é obrigação grave entre nós»; já que o «prestígio profissional» (não o trabalho em si, mas a auréola que o segue) é neste mundo um poderoso «anzol de pescador de homens».

Por esse motivo, numa real unidade de vida, o desejo de ser chefe, guia, é não só compatível como se confunde com a humildade pessoal e colectiva de quem «reconhece humildemente a sua fraqueza para poder dizer com o Apóstolo: quando sou mais débil, então sou forte», e abraça com simplicidade, e sem nenhuma tentativa de «bonapartismo», a chamada tipicamente cristã: «Tu ... da multidão? se nasceste para chefe! Entre nós não há lugar para os tíbios»; porque aprenderão que «tu, sábio, famoso, eloquente, poderoso; se não és humilde nada vales», «Corta, arranca esse «eu» que possuis em grau superlativo — Deus te ajudará — e, então poderás começar a trabalhar por Cristo, no último lugar do seu exército de apóstolos».

O apóstolo leigo não gosta de ser chamado apóstolo, missionário, etc. embora plenamente entregue a uma missão inegável; nem lhe agrada a propaganda: «fotografias, gráficos, estatísticas ... Sempre o espectáculo!», deseja ser, ao mesmo tempo, absolutamente «normal», — amigo do seu amigo, e absolutamente sobrenatural; trabalhar só para Deus; passar inadvertido.

#### 4 — Coração Universal

Como filho de Deus, viverá a humildade; convencido de que a dedicação plena é «caminho de muitos», sentirá o desejo de que todos participem da sua felicidade; viverá a audácia e o optimismo apostólicos, sem cair em alardes de triunfalismo: «não faças muito caso do que o mundo chama vitórias ou derrotas. Sai tantas vezes derrotado o vencedor!».

O seu anseio será universal e não se deixará limitar pelo espírito de «capelinha». Viverá em fraternidade com todos os outros apóstolos, que seguem outras vias, outros princípios, outra metodologia, embora ninguém esteja mais exposto do que ele às incompreensões e porventura até às perseguições da parte dos «bons» que semeiam obstáculos ao longo do caminho.

O seu amor deve ser «sem medida», mesmo ao pedir ao Senhor «em tudo peso e medida».

Esta espiritualidade essencialmente laical fá-lo-á ocupar o seu lugar, onde Deus o procurou, e por fim há-de levá-lo a morrer «num bom leito, como um burguês ... mas de mal de Amor»<sup>2</sup>.

A. L.

#### Direito Canónico

##### **El Concepto de Ordenamiento Canonico en la Doctrina Contemporanea, de JAVIER HERVADA, em Jus Canonicum, V (1965) 5-61.**

Hoje entre os canonistas se vai tornando cada vez mais comum substituir a expressão «Direito Canónico» por «Ordenamento canónico» dando porém às duas expressões significado equivalente, o que está longe de ser correcto.

A expressão «Ordenamento canónico» traz consigo uma inovação que transcende a mera terminologia, para se encontrar na passagem do método exegético ao método sistemático.

Ao estudar o Direito segundo o método exegético se usa entre outros conceitos a noção de Direito, e ao exegeta basta-lhe partir da noção de Direito dada pela filosofia para poder interpretar a norma concreta e conhecer o seu sentido. Este receber da filosofia o conceito de Direito e aplicá-lo ao campo concreto faz com que, embora de modo análogo, esse conceito seja aplicável a tudo quanto é direito, na Igreja. Na verdade, se é correcto dizer que o conjunto de normas jurídicas da Igreja, é Direito canónico, também o é afirmar que as leis matrimoniais são Direito canónico.

As coisas mudam de aspecto se do método exegético passamos ao sistemático. Este método tende à construção de «unidades jurídicas»; trata de estudar e expôr a «unidade jurídica» como um todo orgânico, como um «corpo jurídico». O método sistemático representa um intento de explicação unitária dos fenómenos jurídicos e é evidente que a construção de um sistema jurídico não alcança sua perfeição se não termina na elaboração dum conceito que explique uma determinada ordem jurídica de modo unitário — o de Ordenamento. Estes conceito

---

<sup>2</sup> Esta e diversas outras passagens entre aspas são tiradas do livro de Mons. Escrivá, *Caminho*.